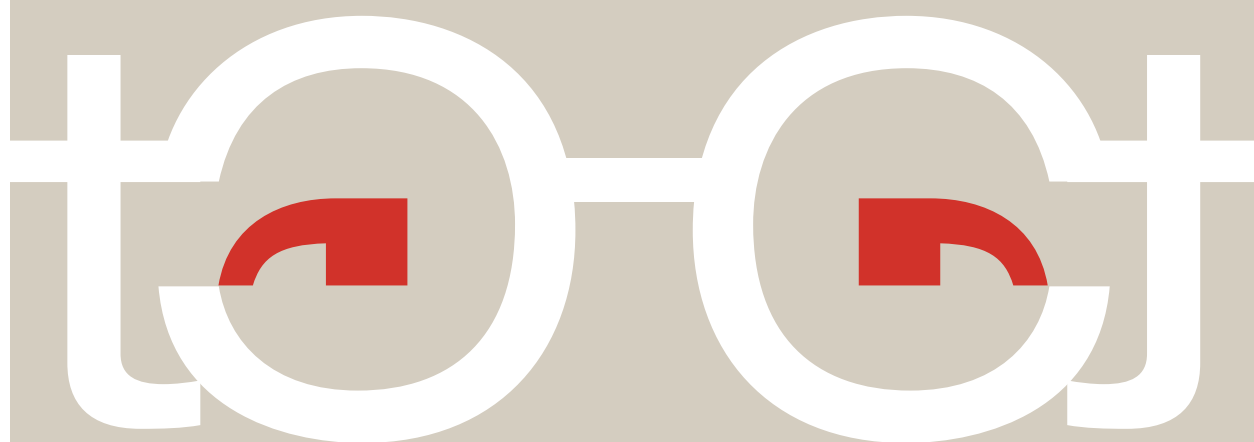


A.G.Z. PEQUENAS EXPLOSÕES
LEITURA MISTA E ESCRITA COMPOSTA

MANUEL PORTELA • RUI TORRES
TERESA ALBUQUERQUE • JOSÉ LUÍS FERREIRA
(EDS)

CIBERTEXTUALIDADES
COLEÇÃO DE LIVROS • VOL. 5



PUBLICAÇÕES FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA

PORTO • 2025

CIBERTEXTUALIDADES

Coleção de Livros

Publicações Fundação Fernando Pessoa, Porto

<http://cibertextualidades.ufp.edu.pt/>

DIRETOR: Rui Torres (Universidade Fernando Pessoa, Portugal / ICNOVA)

EDITORES: Manuel Portela (Universidade de Coimbra, Portugal), Pedro Barbosa (Professor aposentado, Universidade Fernando Pessoa, Portugal), Pedro Reis (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)

COMISSÃO EDITORIAL: Álvaro Seica (Universidade de Bergen, Noruega), Ana Marques (Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Portugal), Claudia Kozak (Universidade de Buenos Aires, Argentina), Daniela Côrtes Maduro (Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Portugal), Diogo Marques (Universidade do Porto, Portugal / CODA + ILCML), Fernanda Bonacho (Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal), Francisco Marinho (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Giovanna Di Rosario (Université Catholique de Louvain, Bélgica), Jorge Luiz Antonio (Investigador independente, Brasil), Luis Carlos Petry (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil), Luis Cláudio Costa Fajardo (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil), Maria Teresa Vilarinho Picos (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha), Otávio Guimarães Tavares (Universidade Federal do Pará, Brasil), Paulo Silva Pereira (Universidade de Coimbra, Portugal), Rodolfo Mata (Universidad Nacional Autónoma de México), Rogério Barbosa da Silva (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil), Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja, Portugal), Sergio Roclaw Basbaum (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil), Vinícius Carvalho Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil)

Publicações FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA

Praça 9 de Abril, 349 / 4249-004 Porto

E-mail: publicacoes@fundacaofernandopessoa.pt

www.fundacaofernandopessoa.pt

ISBN: 978-989-643-193-8

<http://cibertextualidades.ufp.edu.pt/>

Este livro contém links para sites operados por terceiros. Estes links são fornecidos apenas para informação complementar e não têm o aval das Publicações FFP em relação ao conteúdo desses websites. As Publicações FFP não têm controlo sobre o conteúdo de qualquer site vinculado e não é responsável por esses sites ou pelo seu conteúdo ou disponibilidade. Clicar nesses links pode permitir que terceiros guardem ou compartilhem dados privados acerca da sua utilização. As Publicações FFP não controlam esses sites e não somos por isso responsáveis pelas suas declarações de privacidade. Todos os endereços de Internet fornecidos neste livro estavam corretos no momento da impressão.

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

Os textos seguem as normas ortográficas escolhidas pelos autores.

A.G.Z. PEQUENAS EXPLOSÕES
LEITURA MISTA E ESCRITA COMPOSTA

MANUEL PORTELA • RUI TORRES
TERESA ALBUQUERQUE • JOSÉ LUÍS FERREIRA
[EDS]

CIBERTEXTUALIDADES
COLEÇÃO DE LIVROS • VOL. 5



PUBLICAÇÕES FUNDAÇÃO FERNANDO PESSOA

PORTO • 2025

índice

A.G.Z. PEQUENAS EXPLOSÕES: LEITURA MISTA E ESCRITA COMPOSTA	009
MANUEL PORTELA	

ANTES DA EXPLOÇÃO

AGZ L)(VI)	017
TERESA ALBUQUERQUE	
SOPROS E EXPLOSÕES	019
JOSÉ LUÍS FERREIRA	
A CULTURA CLÁSSICA EM AGZ: INGRESSÕES E TRANSGRESSÕES. PEQUENOS APONTAMENTOS SOBRE O <i>MANUEL DE LECTURE</i>	023
PEDRO BRAGA FALCÃO	

EXPLODIR O LIVRO

MANUEL	031
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
SCOPY NOT SCOPY SEM ADITIVOS NEM CONSERVANTES	061
RUI SILVA	
O LIVRO NA ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL PORTUGUESA	065
ANA SABINO	
PIÈCE À CONVICTION / PETIT MANUEL DESEMPLOI [AGZ-2]	069
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
PEQUENO MANUAL DE INUTILIZAÇÃO PARA UM HOMEM (CON)VENCIDO – PEÇA PARA SOPRANO, SAXOFONISTA E MULHER CIUMENTA	077
ANA SABINO	
O BURACO DA TUBA – ALMANAQUE DE ESCUTA PATAFÍSICA	081
RUI SILVA	

EXPLODIR A LÍNGUA

PEAUX ET SCIES [AGZ-3]	086
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
SE	099
DIOGO MARQUES	
COMPUTAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SEMEADURA DE REFLEXOS CONDICIONADOS	109
ANA MARQUES	
TEXTE DE LECTURE D'UN TEXTE POUR LE THÉÂTRE POUR UNE LECTURE [AGZ-4]	113
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
LEITURA DA LEITURA DA ESCRITURA DO TEATRO	135
ANA MARQUES	
LEITURA DA LEITURA DA LEITURA DO TEATRO DA ESCRITURA	141
DIOGO MARQUES	

EXPLODIR A ESCRITA

S/T 2 [AGZ-5]	153
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
S/T 2 W 2 T/S	163
PATRÍCIA REINA	
PARE, ESCUTE, OLHE	173
BRUNO MINISTRO	
BOOKIE (I, II, III) [SEQUÊNCIA “ÉCRIRE” DE BOOKIE I] [AGZ-6]	179
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
AGZ TXT — ESCRIVER COMO QUEM LÊ	195
BRUNO MINISTRO	
AGZ GPT — ESCRIVER COMO QUEM ANALISA	203
PATRÍCIA REINA	

EXPLODIR A FORMA

REMAINING CALM [AGZ-7]	221
ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA	
REMAIN CALM	227
RUI TORRES	
BATE-DURA DE ASAS ANTES DO VOO FINAL	235
SANDRA GUERREIRO DIAS	
REMAIN VIGILANT IN THE SEVEN SECONDS BEFORE DISAPPEARING	245
SANDRA GUERREIRO DIAS	
REMAIN CALM — MOVIMENTOS 2 E 3	251
RUI TORRES	

A.G.Z. MIX & JAM

A.G.Z. MIX & JAM - LEITURA MISTA E ESCRITA COMPOSTA	265
RUI SILVA, ANA SABINO, DIOGO MARQUES, ANA MARQUES, PATRÍCIA REINA, BRUNO MINISTRO, SANDRA GUERREIRO DIAS, RUI TORRES [ESCRILEITORES] MANUEL PORTELA [BATUTA]	
BIOGRAFIAS	268

leitura da leitura da leitura do teatro da escritura

DIOGO MARQUES

Leitura da leitura da escritura do teatro

AGZ POR ANA MARQUES | JUNHO DE 2024

Título na capa:

texto de leitura de um texto para teatro para uma leitura

Título na primeira página:

Leitura de um texto para teatro

O texto chega em duas colunas.

Primeira linha, à direita:

Comédie de feu l'artifice

com l'. Um foco acende e ilumina o artifício.

À esquerda, breve epígrafe sobre a crença no drama e a descrença na comédia. À direita, a lista das personagens, que são duas:

Elle lui lit.

Tout est au lit.

Ela lê para ele?

Tudo está na cama? Tudo está no que é lido? A coluna da esquerda tenta clarificar:

Lui peut être elle, et elle peut être une metteuse en scène.

E cala-se.

A partir daqui as personagens tomam conta do texto e a que fica à direita atira logo um

– Mentreuse.

As personagens põem-se a discutir a grafia e o sentido do que acabo de ler, falam em simultâneo, não se percebe nada, até que a da esquerda diz:

– Oui, comme vous dites. C'est pareil.

Ceci se déroule en 3 parties :

I - Dans la première partie, ils se calent, ils font des efforts pour caler leur décalage. Car ils ont une petite différence

II - Dans la deuxième partie, cela se pimente. C'est la partie lit : voix du verbe et nom sur lequel ils se conjuguent.

III - La troisième partie c'est la fin, l'apothéose. Feu l'artifice c'est le feu d'artifice. Un classique.

Se *caler* é pôr um calço e também instalar-se, lit a didascália já disse, e artifice é isso mesmo: isto mesmo.

As personagens brindam, À nous! À nossa! e por aí fora, alegres e sonoras. Depois a personagem da esquerda começa a contar a história:

– Quando eu entrei, ele já lá estava. Houve uma breve troca de palavras, ele estendeu-me as páginas, eu peguei nelas e sentei-me. Logo a seguir, comecei a ler. Aquilo que comecei a ler não era mais do que uma breve descrição do que tinha acabado de fazer. Do que tínhamos acabado de fazer. Nada mais.

A personagem da direita diz que não é nada disso. Então repete extamente as mesmas palavras, mas com duas vírgulas extra.

Leitura da leitura da leitura do teatro da escritura

AGZ POR DIOGO MARQUES | JULHO DE 2024

Título na primeira página:

Leitura da leitura da escritura do teatro

O texto volta em duas colunas.

Primeira linha, à esquerda:

Leitura da leitura

a negrito. A leitura artificiada reacende e ilumina a leitura focada.

À direita, a escritura do teatro repõe a crença na comédia e a descrença no drama. À esquerda, uma leitura aguarda por outra:

Elle lui lit lui lit-il.

Tudo lido e leito.

Ela lê para ele que lê para ela.

Tudo está no leito? Tudo está no que é lido? A coluna da direita tenta modificar:

Elle peut être lui, et il peut être un metteur en scène.

E cola-se.

A partir daqui a leitura da leitura do texto toma conta da leitura do texto enquanto a leitura da esquerda lê um

– Menteuse.

A leitura da direita lê na da esquerda que as personagens se põem a discutir a grafia e o sentido do que se acabou de ler, falam em simultâneo, não se percebe nada, até que a da direita diz:

– Sim, como disse. assim parece.

Tudo isto se desloca em 3 partes:

I - Na primeira parte, eles

colam-se, fazem esforços para relocar

o seu recolamento. Pois entre eles há uma pequena diferença

II - Na segunda parte, a coisa

apimenta. O leito, lido a eito: o ver do

verbo que se conjoga no jugo do nome.

III - A terceira parte é, afinal, a

apoteose. Fogo de artifício é o fogo

artifício. Um clássico.

Se *coller* é pôr um calço e também instalar-se, se *caller* a leitura já disse, e *artifice* é isto mesmo: isso mesmo.

As leituras brindam, À vous! À vossa! e por ali adentro, mudas e caladas. Depois a leitura da direita começa a recontar a história:

– Quando eu entrei, ela já cá estava. Houve uma breve troca de palavras, ela estendeu-me as páginas, eu peguei nelas e sentei-me. Logo a seguir, comecei a ler. Aquilo que comecei a ler não era mais do que uma breve descrição do que tinha acabado de fazer. Do que tínhamos acabado de fazer. Nada mais.

A leitura da esquerda diz que não é nada disso. Então repete extamente as mesmas palavras, incluindo a palavra extamente.

A personagem da esquerda prossegue:

– A pouco e pouco e à medida que eu lia, como se de uma espécie de jogo se tratasse, o tempo do dizer, através da minha leitura, parecia começar a aproximar-se do tempo do fazer, das ações em redor da minha leitura, e agora eu digo apenas estas poucas palavras que descrevem claramente e com exatidão a situação atual. A nossa situação atual. Porque eu estou aqui, sentado, e leio em voz alta o texto que tenho diante de mim: e ele está ali sentado, e ouve o que eu digo, e o que eu digo diz: estou aqui, sentado, e leio em voz alta o texto que tenho diante de mim. E ele, ele está ali sentado e ouve o que eu digo, aquilo que, com toda a evidência, foi escrito antes da minha chegada, talvez escrito expressamente para ser dito por mim. Ou então não, não por mim mas por uma ou mais pessoas que, como eu antes deste momento, virão para ler isto tal como eu faço agora

A personagem da esquerda fala e a da direita repete coisas sobre o tempo do dito e o tempo do feito. Diz que o texto não importa verdadeiramente, que o texto é um cenário. Logo, o texto é o cenário: um lugar que encena possibilidades. E continua:

– Agora o jogo do tempo chega à fase seguinte: é impossível saber com certeza se os tempos do dizer e do fazer se desenrolam simultaneamente ou não.

Agora já li três páginas. Foi em voz alta, fiquei cansada, pensei o que é isto.

A personagem da esquerda continua a dizer coisas e fala no feminino. Fala, voz, língua. Suponho que ela fale no tempo do dizer, e a outra, à direita, no tempo do fazer.

– No fim de contas, não importa.

Ora ainda bem. Penso que a cena é uma cabeça que se observa a pensar sobre a escrita enquanto se observa a escrever sobre o que está a pensar. Muito confuso.

Agora já só leio sons. Os sons importam: são outras mínimas diferenças. A personagem à esquerda parece concordar:

– A ideia de que tudo aqui deverá ter sido escrito por ele, por mim, surge então como a mais plausível, a mais possível de todas.

Quando o escritor fica cansado fica com sons: vão-se os sentidos e ficam os sons. Gostaria de saber o que acontece nesse tempo da pequena diferença que se instala e que é preciso calçar.

Ele monta e desmonta hipóteses sobre as velocidades do dizer e do fazer. Escreve, ouve e escreve, ouve, pondera se terá ouvido bem, translitera a corruptela enquanto escreve e ninguém sabe quem fala agora.

Às tantas, à esquerda, ela diz:

– Então, tudo isto não pode senão ser o discurso das suas mãos. E o que sai da minha boca é o discurso destas mãos. Eu não sou mais do que a sua voz.

e ele, cada vez mais sério do lado direito do texto:

– Estas mãos no teclado começaram a dizer a sua pele e cada um dos seus estados, a inventar a sua química, assim como a ordem e a desordem das transmissões que se produzem no seu corpo: do olho ao cérebro e daí às cordas vocais e simultaneamente a cada um dos membros. O primeiro P da primeira palavra P do primeiro instante T de cada som que sairá da sua

A leitura da direita prossegue:

– A pouco e pouco e à medida que eu lia, como se de uma espécie de jugo se tratasse, o tempo do fazer, através da minha leitura, parecia começar a aproximar-se do tempo do dizer, das vozes em redor da sua leitura, e agora eu digo apenas estas poucas palavras que descrevem claramente e com exatidão a situação atual. A nossa situação atual. Porque tu estás aí, sentada, e lês em voz alta o texto que tens diante de ti: e eu estou aqui sentado, e oiço o que me dizes, e o que me dizes diz: estou aqui, sentada, e leio em voz alta o texto que tens diante de ti. E eu, eu estou aqui sentado e oiço o que ela diz, isto que, com toda a evidência, foi escrito antes da minha chegada, talvez escrito expressamente para ser lido por mim. Ou então não, não por mim mas por uma ou mais pessoas que, como eu antes deste momento, virão para ler isto tal como eu faço agora

A leitura da direita fala e a da esquerda lê coisas sobre o tempo do feito e o tempo do dito. Diz que o cenário não importa verdadeiramente, que o cenário é um texto. Logo, o cenário é o texto: um lugar onde se inscrevem possibilidades. E continua:

– Agora o jugo do tempo chega à fase seguinte: é impossível saber com certeza se os tempos do fazer e do dizer se deslocam simultaneamente ou não.

Outrora já havia lido três páginas. Foi em voz alta, ficou cansada, pensou o que era aquilo. A leitura da direita continua a treslar coisas e cala no masculino. Calo, colo, loco.

Supõe-se que esta fale no tempo do fazer, e a outra, à esquerda, no tempo do dizer.

– No fim de contas, talvez importe.

Ora ainda bem. Pensa que a cena é uma cabeça que se observa a escrever sobre o pensamento enquanto se observa a pensar sobre o que está a escrever. Muito confusa. Agora já só lê sons. Os sons importam: são outras mínimas diferenças. A leitura à direita concorda em absoluto:

– A ideia de que tudo aqui deveria ter sido escrito por ela, por mim, surge então como a mais plausível, a mais possível de todas.

Quando o leitor fica cansado fica com sons: vão-se os sentidos e ficam os sons. Gostaria de saber o que acontece nesse tempo da pequena diferença que se instala e que é preciso calçar.

Ela monta e desmonta hipóteses sobre as velocidades do fazer e do dizer. Ouve, escreve e ouve, escreve, pondera se terá escrito bem, translitera a corruptela enquanto ouve e ninguém sabe quem escreve agora.

Às tantas, à direita, ele diz:

– Então, tudo isto não pode senão ser a manipulação da sua voz. E o que sai das minhas mãos é a manipulação do discurso que sai da sua boca.

Eu não sou mais do que as suas mãos.

e ela, cada vez mais séria do lado esquerdo da leitura:

– Estas mãos no teclado começaram a dizer a sua pele e cada um dos seus estados, a inventar a sua química, assim como a ordem e a desordem das transmissões que se produzem no seu corpo: do olho ao cérebro e daí às cordas vocais e simultaneamente a cada um dos membros. O primeiro P da primeira palavra P do primeiro instante T de cada som que sairá da sua

boca B é, ou torna-se, assim, o equivalente a uma pequena explosão.

Na verdade ele diz big-bang em miniatura. Mas dado o contexto, este aqui, eu digo pequena explosão. Honra ao mestre M.

Ela pensa em voa alta enquanto ele fala: moléculas, cordas, fala, explosões. Ele continua:

– Mais abaixo, o movimento do tórax, a ondulação quase marítima do inflar-desinflar dos pulmões, dos seios, porque é nisso que eu reparo. Que eu vejo. Na primeira pessoa, não na terceira. E ela vê que eu vejo. E isso perturba-a – sim, na terceira pessoa – provocando muitas outras pequenas explosões, um pouco por todo o lado (com t, não em todos com s) no m'seu corpo, fazendo nascer os vossos corpos de letras, porque o seu corpo é o corpo das m'nossas letras.

E agora

• • •

reticências. Em tamanho grande. A coisa complica-se: as coisas misturam-se. Ela diz:

– A partir daqui, deste silêncio que acabamos de atravessar, tudo parece avançar mais devagar e dificilmente. Este facto não vem de mim. A hesitação instala-se, uma dúvida, provavelmente provocada pelo medo. Como poderia ele dizer o meu eu? Sobretudo se isto que eu digo não é afinal mais do que uma escrita que quer ser capaz de descrever isto que eu começo a esforçar-me para manter oculto.

E prossegue:

– Estou aqui para dizer o texto. Teoricamente. Mas agora na prática posso servir-me do texto e dizer-me.
– Acabas de dizê-lo como se não o lesses: como se isso viesse de ti.
– É porque isso veio de mim.
– Mas são as minhas palavras.
– Mas são as minhas... além disso, isso da «ondulação quase marítima» é muito mau. Tu não achas?

Ele concorda, mas não sabe, agora assim de repente, dizer de outra maneira.

Ela reformula a ondulação. Ele não fica convencido. Que ela tem a voz presa, diz. Mas que prossiga, só não mude demasiado o texto.

Ela prossegue. Diz, diz outra vez e, entre o lido e o dito, distrai-se:

– como dizer que isto ou aquilo se diz em *itálico*? Isso não me tinha ocorrido até este momento em que acabo de di, de ler: como dizer os *itálicos*?

E etecetera. Deriva e inversão.

Ele e ela trocam de lugar na página.

– Até agora tudo o que fiz foi dizer o que está escrito, e fi-lo tal e qual. Aliás, foi para isso que fui solicitada. Pareces um pouco tenso. Tudo isso é demasiado grave, és um caso agudo de gravidade.
– Tenho que admiti-lo, não estou inteiramente certo de querer fazer isto. Comecei simplesmente porque queria soltar-te. E depois fiquei preso no jogo. É estúpido, não achas?

Ele queria soltá-la.

– É isso o teatro.

boca B é, ou torna-se, assim, o equivalente a uma pequena explosão.

Dado o contexto, aquele ali, ela diz pequena explosão.

Honra ao mestre M.

Ele lê em voz alta enquanto ela escreve: moléculas, cordas, fala, explosões. Ela continua:

– Mais abaixo, o movimento do tórax, a ondulação quase marítima do inflar-desinflar dos pulmões, dos seios, porque é nisso que eu reparo. Que eu vejo. Na primeira pessoa, não na terceira. E ela vê que eu vejo. E isso perturba-a – sim, na terceira pessoa – provocando muitas outras pequenas explosões, um pouco por todo o lado (com t, não em todos com s) no m'seu corpo, fazendo nascer os vossos corpos de letras, porque o seu corpo é o corpo das m'nossas letras.

E ainda

• • •

reticências. Em tamanho grande. A coisa complica-se: as coisas misturam-se. Ele diz:

– A partir dali, daquele silêncio que acabamos de atravessar, tudo pareceu avançar mais devagar e dificilmente. Este facto não veio de ti. A hesitação instalou-se, uma dúvida, provavelmente provocada pelo medo. Como poderia eu dizer o seu eu? Sobretudo se isto que eu disse não foi afinal mais do que uma escrita que quis ser capaz de descrever aquilo que eu começo a esforçar-me para manter oculto.

E prossegue:

– Estou aqui para ler o texto. Teoricamente. Mas agora na prática posso servir-me do texto e ler-te.
– Acabas de dizê-lo como se não o lesses: como se isso viesse de ti.
– É porque isso veio de ti.
– Mas são as minhas palavras.
– Mas são as tuas... além disso, isso da «ondulação quase marítima» é muito mau. Tu não achas?

Ela concorda, mas não sabe, agora assim de repente, fazer de outra maneira.

Ele reformula a ondulação. Ela não fica convencida. Que ele tem as mãos presas, diz.

Mas que prossiga, só não mude demasiado o texto.

Ele prossegue. Diz, diz outra vez e, entre o dito e o lido, distrai-se:

– como dizer que isto ou aquilo se diz em *itálico*? Isso não me tinha ocorrido até este momento em que acabo de di, de ler: como ler os *itálicos*?

E etecetera. Inversão e deriva.

Ela e ele trocam de lugar na página.

– Até agora tudo o que disse foi fazer o que está escrito, e disse-o tal e qual. Aliás, foi para isso que fui solicitado. Pareces um pouco tensa. Tudo isto é demasiado agudo, és um caso grave de agudeza.
– Tenho que admiti-lo, não estou inteiramente certa de querer fazer isto. Comecei simplesmente porque queria soltar-me. E depois fiquei presa no jogo. É estúpido, não achas?

Ela queria soltar-se.

– É isso o teatro.

Para soltá-la ele enreda-se no dito que ela lê, não, no lido que ela diz, não sei, é um enredo muito confuso, tortuoso mesmo. Seja como for, ele soltou-a. Mas mesmo solta, para onde haveria de ir?

Ela confessa:

– imagino-o como alguém que nunca foi muito bom da cabeça

mas ela sabe que o jogo não é fútil, que é um modo de manter a coisa nos eixos para ele não se desorientar de vez.

Entretanto eu sei que nos aproximamos do final porque aparece no cenário a palavra Final

– E como é que isto acaba, esta coisa?

Sei que ninguém sabe, porque ainda faltam seis páginas para acabar. Além disso, há luzes no cenário:

– As luzes fazem lembrar o pôr do sol, é romântico, é uma publicidade da TV, provavelmente de iogurte.

A tensão aumenta e as duas vozes entregam-se à vertigem:

– Ele é um psicopata, um maníaco, ele viola-a, depois tortura-a cruelmente e depois mata-a

– E viola-a outra vez

– E corta-a aos bocados

– E outra vez

– E envia-a aos amigos pelo correio

– É ela que o mata a ele

– E come-o

– Ela é uma assassina em série

– Uma canibal

– Ela devora-o

– Depois transforma-se nele

– Depois ele chega

– E então é ele que é ela

– Ele nunca foi ele, foi sempre outra pessoa

E ele arranca os próprios olhos, ela suicida-se, antes disso ele morre e ela fica louca, morre toda a gente, depois a morte bate à porta, ele diz-lhe que é impossível porque ainda não é já e põem-se os dois a jogar xadrez, então um avião cai dentro do teatro e depois chega a mulher dele, ela encontra-os na cama, há uma terrível disputa, são todas umas putas, depois o espectro do pai está sentado a mesa, não, é uma estátua, e ele diz

– Eu já tinha dito que morrem todos

mas eles continuam. Até que a leitura termina. Preparam-se para sair mas isso também é impossível porque não existe um fora de cena. Eles saem, finalmente, só que ficam presos dentro de uma igreja, todos se transformam em rinocerontes menos ele, e continua continua continua

– Isto gira em torno do vocabulário, muda uma palavra e tudo o resto vai atrás

– Mas então, no fim como é que isto acaba?

E um passo à frente eu leio:

– Ela lê o fim que ele escreveu enquanto a coisa acaba.

Mas ainda há uma Coda

um som detrás das cortinas. Penso no improvisado como ação das profundezas, rio subterrâneo que os atores seguem à procura das personagens. As vozes falam ainda:

– Paz aos que procuram e giram sozinhos no vazio e exortam-nos a

– compreender o entusiasmo destas sombras vãs

– E pronto. A coisa está feita.

Para soltar-se, ela enreda-se no lido que ele diz, não, no dito que ela lê, não sabe, é um enredo muito confuso, tortuoso mesmo. Seja como for, ela solta-se. Mas mesmo solta, para onde haverá de ir?

Ele confessa:

– imagino-a como alguém que nunca foi muito boa da cabeça

mas ele sabe que o jogo não foi fútil, que foi um modo de manter a coisa nos eixos para ela não se desorientar de vez.

Entretanto ela sabe que se aproximam do final porque apareceu no cenário a palavra Final

– E como é que aquilo acabou, aquela coisa?

Sabe que ninguém sabe, porque ainda faltam seis páginas para acabar. Além disso, há luzes no cenário:

– As luzes fazem lembrar o pôr do sol, é romântico, é uma publicidade da TV, provavelmente de iogurte.

A tensão aumenta e as duas leituras entregam-se à vertigem:

– Ela é uma psicopata, uma maníaca, ela viola-o, depois tortura-o cruelmente e depois mata-o

– E viola-o outra vez

– E corta-o aos bocados

– E outra vez

– E envia-o aos amigos pelo correio

– É ele que a mata a ela

– E come-a

– Ele é um assassino em série

– Um canibal

– Ele devora-a

– Depois transforma-se nela

– Depois ela chega

– E então é ela que é ele

– Ela nunca foi ela, foi sempre outra pessoa

E ela arranca os próprios olhos, ele suicida-se, antes disso ela morre e ele fica louco,

morre toda a gente, depois a morte bate à porta, ela diz-lhe que é impossível porque

ainda não é já e põem-se os dois a jogar xadrez, então um avião cai dentro do teatro e depois chega a mulher dela, ele encontra-as no leito, há uma terrível disputa, são todas umas putas, depois o espectro de Marx está sentado à mesa, não, é uma estátua, e ela diz

– Eu já tinha dito que morrem todas

mas elas continuam. Até que a leitura da leitura termina. Preparam-se para sair mas isso também é impossível porque não existe um fora de cena. Elas saem, finalmente, só que ficam presas dentro de uma igreja, todas se transformam em rinocerontes menos ele, e continuo continuo continuo continuo

– Isto gira em torno do vocabulário, muda uma palavra e tudo o resto vai atrás

– Mas então, no fim como é que isto acaba?

E um passo à frente ela lê:

– Ele lê o fim que ela leu enquanto a coisa acabava.

Mas ainda há uma Coda

um som detrás das cortinas. Pensa no imprevisto como ação das profundezas, rio subterrâneo que os leitores seguem à procura das personagens. As mãos leem ainda:

– Paz aos que procuram e giram sozinhos no vazio e exortam-nos a

– compreender o entusiasmo dessas sombras vãs

– E feito. A coisa está pronta.

